



Fidelidade em quatro estações

*Irmã Maria da Assunção Faustino,
dominicana de Santa Catarina de Sena*

Gostaria de começar a minha reflexão sobre o tema que me foi proposto para esta semana de estudos – «Fidelidade em quatro estações»: a Cristo e ao seu Evangelho; à Igreja e à sua missão no mundo; à Vida Consagrada e ao Carisma do próprio Instituto; ao ser humano e ao nosso tempo» –, lembrando, antes de mais, que a Vida Consagrada não existe para si mesma, mas, como a Igreja, de cuja vida e santidade brota, existe para o serviço dos irmãos. Por isso o desafio que é lançado aos Consagrados é serem uma palavra viva para todas as pessoas. Isto exige que a Vida Consagrada seja permanentemente atualizada a fim de ser capaz de se sintonizar com os homens e mulheres de hoje. Cada Consagrado(a) é uma escritura viva, uma carta de Deus dirigida aos homens, escrita não em folhas mortas de papel, mas na existência concreta de pessoas vivas, que se tornam, assim, num quinto evangelho, para os homens e mulheres de hoje¹. Esta é, talvez a primeira premissa a ter em conta quando abordamos o tema da fidelidade na Vida Consagrada. No entanto, pensar e viver esta fidelidade em todas as suas dimensões, obriga, do meu ponto de vista, a ter presente mais duas ou três premissas.

Em primeiro lugar, estar consciente de que cada Consagrado(a) é um eleito(a) de Deus, não para seu proveito exclusivo, para ser o maior e mais importante, mas para ser portador de bênção para todos os seus irmãos. Tal como Abraão, que foi chamado do meio de um determinado povo, para se tornar bênção para todas as nações da terra (cf. Gn 12, 1-3). Neste sentido, o Consagrado(a) ao ser eleito do meio de um povo nascido da eleição e consagração do Batismo, tem claramente definida a missão de ser bênção para os outros. A fidelidade à sua consagração concretiza-se na consciência desta eleição e na vivência desta missão, ao serviço da Igreja e do mundo, tornando vigilante o olhar e atenta a escuta para poder ver e escutar os irmãos e irmãs da porta ao lado. Aprendendo a discernir e a descobrir os contornos reais do drama humano, para com humildade,

¹ ÁLVAREZ GÓMEZ, J., *Vida Consagrada para o terceiro milénio*, Madrid 1999, p. 55.

proximidade e empatia discernir quais são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres, dos que sofrem², dos excluídos.

Uma outra premissa a ter presente é que a Vida Consagrada não é unívoca, a eleição do Consagrado(a) não lhe retira identidade, pelo contrário proíbe-lhe de aderir à tentação dos construtores da Torre de Babel. Estes queriam para si um só nome, uma só língua, uma só cidade, tudo o que fosse diferente ficaria de fora, talvez até fosse perseguido, porque poderia representar um perigo. O desafio da Vida Consagrada é ser porta-voz da manhã do Pentecostes, onde cada um ouvia narrar na sua própria língua as maravilhas de Deus. Para isso, não pode querer responder aos desafios do mundo atual com uma apologia, mas com o testemunho duma vida que brota da sua própria identidade e carisma, e qual rio que corre sem cessar vai alimentando as gerações que nele encontraram sentido³. A vivência da nossa Consagração não se concretiza, portanto, numa unicidade opaca e sem identidade, mas na comunhão da multiplicidade dos nossos carismas. Foi esta multiplicidade que permitiu à Vida Consagrada oferecer, ao longo da história, um rosto e uma linguagem significativos para os seres humanos de cada época. Uma imagem bonita para dizer esta comunhão é o poliedro que, no conjunto de todos os seus lados e faces, compõe uma unidade rica de matizes, que pode representar «uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente»⁴. Querer anular a riqueza desta diversidade é empobrecer a Vida Consagrada, é ser infiel à sua própria Consagração.

A terceira premissa é a consciência que cada Consagrado(a) foi eleito dentro de um determinado contexto, duma determinada tradição de família religiosa e apostólica. Mesmo os Fundadores, que tiveram a primeira intuição, a fim de fundar um Instituto com determinadas características, inserem-se dentro de um contexto eclesial, social e espiritual concreto. Cada um de nós foi chamado por Deus como seu eleito(a) a partir da realidade de cada Instituto e responde dentro dessa mesma realidade institucional. Logo, não é indiferente ser franciscano ou jesuíta, beneditino ou dominicano... Diz a Instrução sobre o Dom da Fidelidade que «a história de cada um é tecida nas narrações das existências de irmãos e irmãs com os quais se partilha uma *convocação* que não é jamais casual, mas é deixada ao providente desígnio de Deus, que transforma as histórias de cada um num partilhado percurso de busca da sua Face»⁵. Isto mostra que não somos seres que habitam o vazio, mas pessoas consagradas com identidade. É por isso que podemos construir caminhos de partilha e comunhão, onde cada um é chamado a dar o seu contributo específico, para que a polifonia das diferentes vozes se converta em agradável

² Ver CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança* (2 de fevereiro de 2020) n.º 7.

³ Ver a este propósito ÁLVAREZ GÓMEZ, J., *Vida Consagrada para o terceiro milénio*, pp.108 e 109.

⁴ FRANCISCO, *Fratelli Tutti* (3 de outubro de 2020) n.º 215.

⁵ CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança*, n.º 61.

melodia, para o coração e o ouvido. Nesta polifonia, cada um é chamado a traduzir o seu modo específico de ser no seu modo específico de fazer. Não se contentando, nunca, em ser simples testemunha muda, mas comprometendo-se numa missão específica em prol da sociedade⁶.

Chegados a este ponto gostaria de vos convidar a percorrer comigo a história de uma vocação bíblica. A vocação de Saul, o primeiro rei do povo de Deus. Uma trajetória que vai da sua eleição, por Deus, para ser rei de Israel, até ao abraço suicida à sua própria espada. Pode parecer fora de propósito trazer a história da vocação de um rei, cujo reinado foi de curta duração, talvez pouco mais de dois anos, e de muito má memória, para ilustrar o nosso tema. Contudo, os contornos da sua história podem ajudar-nos a refletir na importância de escutar a voz de Deus, de lhe dar tempo e espaço para perceber o que é ser fiel à própria vocação/eleição e à missão daí derivada. Saul, filho de Cis, da tribo de Benjamim, é o rei pedido insistentemente pelo povo e é o chefe ungido por Deus. É o rei escolhido, designado, eleito, por Deus, o homem sobre quem cai o Espírito de Deus. O homem em quem Deus leva a cabo a sua ação operando nele uma transformação total e instantânea, dando a Saul uma personalidade nova, fazendo dele um homem outro, transformando o seu coração num coração outro. Portanto, Saul começa por ser, como o seu nome diz, o rei pedido pelo povo e requisitado por Deus, o qual enriquece o seu eleito com a força necessária para poder levar a cabo a sua missão real.

A sua primeira missão é um sucesso, o Ungido do Senhor ainda tem nos ouvidos os gritos de aclamação do povo e ainda sente o azeite da unção a escorrer sobre a sua cabeça. O perigo filisteu espreita a ocidente e alastra por todo o lado, chegando a ter um posto avançado em Guilgal, terra natal de Saul e sua residência oficial. A oriente levantavam-se, também ameaçadores, os amonitas. Será contra estes que Saul é chamado a desempenhar a primeira ação da sua nova missão de salvador (1Sm 11, 1s). Diz a Bíblia que Saul anda no campo a cuidar dos bois, mas, quando ouve os gritos de dor do seu povo, levanta-se de um salto, congrega os seus homens e parte. Sente-se que Deus está com ele e com os seus homens, e a vitória é consumada (1Sm 11, 1-12), conseguindo libertar o povo daquela ameaça que o estrangulava⁷. No entanto, esta foi a primeira e última, ou seja, a única ação bem-sucedida de Saul. No meio da euforia da vitória, perante um povo já demasiado confiante na sua própria força, o profeta Samuel apressou-se a fazer a leitura correta da situação lembrando que a salvação realizada em Israel era obra de Deus (1Sm 11, 13). A partir daqui, segue-se um tempo de fracassos e ruturas até ao fatídico desenlace final.

Este Saul, pedido pelo povo, requisitado por Deus, rei salvador no exercício da sua missão, particularmente próximo de Deus, de quem é o «Ungido», e particularmente próximo dos homens, a quem deve levar a salvação, isto é, a paz, a justiça, o bem-estar, não passa afinal de

⁶ Ver ÁLVAREZ GÓMEZ, J., *Vida Consagrada para o terceiro milénio*, p.135.

⁷ Ver a este propósito A. COUTO, *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*, Lisboa, 2002, p.111.

um episódio. Neste episódio, Saul responde à sua vocação com energia, generosidade, impetuosidade, paixão. Como tantos de nós, animados pelo fogo do entusiasmo da Primeira Profissão. Mas a resposta à vocação é a guerra de uma vida, e não a batalha de um dia. Saul conseguiu vencer esta batalha de um dia, mas perdeu a guerra da sua vida. Ele não descobriu a vocação nas preocupações do dia-a-dia. Pelo contrário, ele perdeu a vocação nas preocupações do dia-a-dia⁸.

Quando conseguimos olhar a vida na perspectiva do Mistério Pascal, a admissão da própria fragilidade manifesta que o limite, ligado à nossa condição de seres mortais, nos convida a olhar com esperança o ambiente à nossa volta, e não com a desconfiança de quem se julga constantemente na iminência de ser surpreendido por alguém ou alguma coisa. Fechar-se num casulo não previne riscos e danos nem elimina o medo de fracassar. Todavia, diminui e enfraquece a confiança na fidelidade de Deus, com a qual Ele nos sustenta e com a qual podemos contar⁹. No fundo, é isto que sucede a Saul. Extraordinariamente próximo daquele Deus que o chamou e requisitou, que o escolheu e designou como chefe do seu povo, que o deu ao seu povo com a missão de rei salvador, que o recriou, fazendo dele um homem novo, com um coração novo, Saul, após um início francamente auspicioso, em que manifesta de modo inegável todo o seu empenho, dedicação e generosidade entra em rutura com Deus, ao não cumprir a sua Palavra.

Um ato de impaciência inicia este processo de rutura. O profeta Samuel em nome de Deus dissera a Saul: «Esperarás até que eu vá ao teu encontro e te faça saber o que deves fazer» (1Sm 10, 8b). Mas é tão difícil esperar, e mais difícil ainda esperar por Deus, sobretudo quando se vê a urgência das coisas que gritam por solução. É fácil também não saber que fazer diante das situações, mas é muito difícil admitir que não se sabe o que fazer. É difícil esperar por alguém que nos vem dizer, que nos vem ensinar o que fazer, sobretudo quando nos parece que a solução é óbvia e evidente, sem muito espaço para alternativas e a exigir resposta urgente. O impulsivo e impetuoso, corajoso e generoso Saul, está em Guilgal, rodeado pelos filisteus, à espera de Deus ou do seu profeta que lhe viria dizer como devia proceder. Quantas vezes nas nossas Comunidades de vivência e nos nossos Institutos de pertença, perante a Igreja e o mundo, nos encontramos na posição de Saul, também sem conseguirmos esperar¹⁰? Contudo, quando a confiança em Deus é deposta e a autoconfiança assume o controle, quando falta a luz e tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, distinguir a estrada que conduz à meta da que nos faz girar, repetidamente, em círculos sem direção. Então, encontramos não um caminho que atravessa o escuro da noite, mas o colapso total do caminho construído, do projeto de vida definido, até à decisão, quantas vezes improvisada e sem diálogo, nem confronto pessoal e comunitário, de

⁸ *Ibidem*, p. 112.

⁹ CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança*, nº 12.

¹⁰ Cf. A. COUTO, *Como uma Dádiva. Caminhos de antropologia Bíblica*, pp.112-113.

deixar o Instituto. Decisão esta que esconde, muitas vezes, a rejeição de pedir ajuda e se deixar ajudar, negando a si mesmo a possibilidade de se sentir, novamente, visitado por Deus¹¹.

São decisões impacientes que impedem de experienciar na própria vida a misericórdia do pai da parábola, tanto por parte do pródigo como do irmão mais velho. A impaciência liga-se ao grande pecado de Israel, a idolatria. A impaciência quer certezas e soluções rápidas, quer saber, agarrar, controlar, ter na mão a figura do seu Deus. Ora, querer tudo imediatamente significa congelar tudo. Querer Deus imediatamente e como me apraz é petrificá-lo, matá-lo, transformá-lo no bezerro de ouro que não vai ter qualquer papel na minha vida, porque eu lhe neguei espaço e alteridade. A impaciência recusa dar ao tempo a possibilidade de ser tempo, recusa deixar ao outro o espaço de que ele precisa para viver e ser.

Diante do perigo constante dos filisteus, o povo de Israel pediu um rei a Deus, para que esse rei velasse permanentemente sobre ele, resolvesse os seus problemas, sem ter de estar à espera de Deus e das suas soluções que, no tempo dos juízes, para cada caso suscitava um salvador. O pecado de Saul é o pecado do povo de Israel, é o pecado do 3.º capítulo do Génesis, é também o nosso pecado que se resume a isto: não queremos estar dependentes de Deus. Queremos ter as nossas soluções ali, sempre à mão, prontas a ser aplicadas. Neste ponto começa a série de ruturas da vida de Saul, primeiro com Deus, logo a seguir com Samuel e pouco depois com David e Jónatas, com o próprio povo e até consigo mesmo. Sozinho com os seus fantasmas até à tragédia final. Contudo, ele era um homem generoso, dedicado, chamado e agraciado por Deus.

Quantos casos conhecemos de Irmãos e Irmãs nossos(as) que chamados(as) pelos gritos do povo e pela voz de Deus se entregaram à sua missão com empenho e generosidade? E perderam. Por não terem sabido ou podido esperar¹². Quantas vezes esse mesmo perigo não pairou ou paira sobre a nossa cabeça? Por isso é tão importante estarmos conscientes de que a nossa vocação é uma história que não ficou selada de forma hermética no dia da nossa Profissão Perpétua, nem no dia das bodas de prata ou ouro, mas é uma história construída ao longo de todo o percurso de uma vida, na perseverante fidelidade à escuta da voz do Senhor que chama cada dia o nome do seu eleito(a).

Daí a importância de saber esperar, em cada momento, a hora de Deus. A espera é uma das profundas lições que todo o Antigo testamento, e concretamente, esta história de Saul nos ensina. Uma capacidade e disponibilidade que não se pode confundir com cruzar os braços e deixar correr, mas tão somente em compreender que o fundamento da nossa vida, não está em nós e nas nossas forças, mas em Deus que nos chama e sustenta. No longo e, por vezes, tortuoso

¹¹ Cf. CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança*, n.º 13.

¹² Cf. A. COUTO, *Como uma Dádiva. Caminhos de antropologia Bíblica*, pp.113-114.

caminho da fidelidade ao chamamento e dom recebido, é fundamental não esquecermos de olhar o passado com gratidão. Nele está o dom da vida recebida, do chamamento do Senhor, da história riquíssima do carisma fundacional de cada Instituto. Nas suas origens está sempre presente, de uma forma, mais ou menos, evidente a ação de Deus, que chamou os Fundadores para, no seguimento de Cristo, traduzirem o Evangelho numa forma particular de vida, lerem com os olhos da fé os sinais dos tempos, responderem criativamente às necessidades da Igreja e da sociedade. O olhar grato ao passado permite não esquecer que a experiência dos inícios cresceu e desenvolveu-se, tocando membros em novos contextos geográficos e culturais, dando vida a novos modos de implementar o carisma, a novas iniciativas e expressões de caridade apostólica. Tal como a árvore que, a partir da pequena semente de mostarda, cresce e se desenvolve a ponto das aves se abrigarem nos seus ramos. Ao mesmo tempo, percebe-se que este processo de desenvolvimento se insere num longo percurso de espera confiante e fiel.

Olhar o passado com gratidão leva, ainda, a repassar a própria história pessoal e comunitária. Atitude indispensável para manter viva a identidade e também robustecer a unidade da família e o sentido de pertença dos membros de cada Instituto. É o desafio a percorrer de novo o caminho das gerações passadas para nele captar a centelha inspiradora, os ideais, os projetos, os valores que as moveram. É uma forma também para se tomar consciência de como foi vivido o carisma ao longo da história, que criatividade desencadeou, que dificuldades teve de enfrentar e como foram superadas¹³. Este olhar o passado é a memória agradecida dos dias felizes do encontro com o Senhor, tanto a nível pessoal como institucional, mas é também a esperança de que a beleza desse encontro de amor não pode ter sido em vão. Este olhar abre a porta à dimensão perseverante da consagração, base indispensável de toda a noção de fidelidade e ajuda-nos a compreender como a nossa vida de Consagrados e Consagradas pode ser definida pela perseverante e humilde fidelidade à Consagração¹⁴.

A perseverança que nos vem deste olhar, agraciado pela misericórdia de Deus, permite que, tal como os nossos Fundadores e Fundadoras, sintamos em nós, hoje, aquela compaixão que se apoderava de Jesus quando via as multidões errantes como ovelhas sem pastor. E, tal como os Fundadores que, movidos pela força do Espírito, se puseram ao serviço da humanidade, servindo-a dos mais diversos modos: com a intercessão, a pregação do Evangelho, a catequese, a instrução, o serviço aos pobres, aos doentes... também nós, sejamos capazes de nos deixar mover pela compaixão e misericórdia que levou Jesus a comunicar a sua palavra, a curar doentes, a dar o pão para comer, a oferecer a sua própria vida.

¹³ Cf. FRANCISCO, *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas, para proclamação do Ano da Vida Consagrada* (21 de novembro de 2014), n.º 1.

¹⁴ Ver a este propósito CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança*, n.º 28 e 29.

Ser fiel ao nosso tempo e aos nossos contemporâneos é continuar a aderir a este projeto de inventar e reinventar uma caridade que não conheça limites, e seja capaz de continuar a abrir estradas, que levem o sopro do Evangelho às culturas e a todos os setores sociais, na sua ampla diversidade. Ser fiel ao nosso tempo e à missão da nossa família eclesial e apostólica é interrogarmo-nos se continuamos a ter a mesma paixão dos nossos Fundadores(as), pelo povo a quem somos enviados(as), se nos solidarizamos com ele até ao ponto de partilhar as suas alegrias e esperanças, os seus sofrimentos e dores, a fim de podermos compreender verdadeiramente as suas necessidades e contribuir com a nossa parte para encontrar uma resposta ou solução adequada a cada situação de dor¹⁵.

Entrar nesta dinâmica é viver com paixão o presente, não à maneira de Saul, que julgou que podia fazer tudo sozinho e como não conseguiu, entrou em rutura com Deus e com a vida, mas à maneira pedagogicamente paciente de Cristo que convoca para a comunhão e partilha: é o Samaritano que pede a ajuda do estalajadeiro; são os setenta e dois discípulos enviados dois a dois aos territórios por onde Jesus deveria passar; é a necessidade de colaboração de uma criança que partilha a sua merenda, para que haja milagre, o pão se multiplique e a multidão possa saciar a sua fome. Este viver apaixonado o presente será tanto mais credível e interpelante, quanto mais formos capazes de reconhecer e colher as questões que inquietam, mas que são também sinais de esperança. Pois, nos caminhos da vida, em todos os aspetos da existência, não há espaços excluídos da presença de Deus¹⁶.

Nesta perspetiva, o futuro pode ser olhado e abraçado com esperança. Uma esperança que não repousa sobre a eficácia e a força, mas que se fundamenta e alicerça sobre Aquele em quem pusemos a nossa confiança (cf. 2Tm 1, 12), para quem nada é impossível (Lc 1, 37). É a esperança que não desilude e que permitirá à Vida Consagrada em geral, e a cada um dos nossos Institutos em particular, continuar a escrever uma grande história no futuro, com a serenidade expectante de quem sabe aguardar com perseverança a hora de Deus, fazendo a sua parte, mas não se sobrepondo Àquele por quem foi chamado e agraciado para ser profeta no meio do seu povo¹⁷. E a missão do profeta continua a ser estar ao lado dos pobres e indefesos, porque sabe que Deus também está lá, ao lado deles. Por isso, continua a ser enviado, como sentinela vigilante capaz de discernir e denunciar as situações de mal e pecado promotoras de injustiça, violência e opressão de qualquer espécie.

¹⁵ Cf. FRANCISCO, *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas, para proclamação do Ano da Vida Consagrada*, n.º 2.

¹⁶ Ver a este propósito CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança*, n.º 47 e 48.

¹⁷ Cf. FRANCISCO, *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas, para proclamação do Ano da Vida Consagrada*, n.º 3.

O profeta não é aquele que adivinha o futuro, mas, à boa maneira bíblica, é aquele que conhece Deus, e dele recebe a capacidade de perscrutar a história do tempo em que vive, e interpretar os acontecimentos à luz de uma chave de leitura que se chama fraternidade universal. O profeta conhece também o seu povo, ou seja, os homens e mulheres, seus irmãos e irmãs, com quem percorre os caminhos da vida, e partilha esperanças e angústias, procurando impregnar de luz e sentido cada acontecimento vivido. Consciente de que o único Senhor, a quem deve responder é Deus, o profeta mantém a coerência das exigências da sua consagração/eleição com a capacidade de ser livre diante dos senhores do mundo, dos poderosos de turno, que às vezes fazem de tudo para silenciar a voz daqueles que denunciam os abusos e as injustiças, que denigrem a dignidade do ser humano. Ser fiel à dimensão profética da nossa Consagração é, em última análise, ser fiel ao ser humano e ao nosso tempo. Isto continua a ser um dos grandes desafios que se coloca à noção de fidelidade à nossa vocação de consagrados e consagradas¹⁸.

Tal como é pedido aos servos da parábola dos talentos de Mt 25, 14s e das minas de Lc 19, 11-27, a missão de qualquer batizado tem em vista fazer frutificar os dons divinos de um modo que seja vantajoso para todos. Assumir o desafio da fidelidade a Cristo e à sua Igreja é assumir o desafio de permanecer com o Mestre até ao fim, até à cruz, inserindo-se no modo de viver de Jesus que se deu a si mesmo pelos seus amigos e para a vida do mundo. Se esta é a missão proposta a todos os batizados, os Consagrados e Consagradas fizeram dela profissão de vida. Então, para cada um de nós permanecer no amor é compreender que o amor é serviço e cuidado dos outros. É esse dinamismo que lhe dá identidade e o torna operativo e leva a compreender que não há fidelidade a Cristo e à Igreja sem fidelidade aos irmãos, sejam eles quais forem, e ao contexto histórico da realidade em que vivemos. A fidelidade, na recíproca imanência da relação alegórica entre a videira e os ramos, é um dom de mútua confiança, que se exerce nos tempos e nas estações da vida. Perseverar é ter os olhos fixos em Jesus, conscientes que ele vai à nossa frente e nos sustenta na travessia das ondas de todas as tempestades que não podemos iludir ou ignorar¹⁹.

A fidelidade a Cristo pede que em cada etapa da vida o Consagrado e Consagrada seja capaz de responder à pergunta que Jesus faz aos discípulos no caminho de Cesareia de Filipe: «Quem dizeis vós que Eu Sou?» (Mc 8, 29). A questão colocada começa com uma pergunta inocente colocada por Jesus, sobre o que pensavam as multidões a seu respeito (cf. Mc 8, 27-29). Eles respondem rápida e prontamente, é fácil apresentar as respostas dos outros, é uma atitude meramente informativa, exterior que não implica com a própria vida. Mas quando a resposta exige um contorno diferente, quando muda o sujeito que é interpelado, o caso muda de figura. Jesus não pergunta, simplesmente, «quem sou eu?» pois também aqui a resposta podia ser a partir de informação exterior. Ele faz uma interpelação direta, que exige uma resposta que não pode ser neutra, mas que tem de acarretar uma decisão pessoal. Exige uma resposta que obriga a um dizer pessoal, assumido, amadurecido, pensado, livre²⁰.

¹⁸ *Ibidem*, II 2.

¹⁹ Cf. CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *O Dom da Fidelidade a Alegria da Perseverança*, n.º 105.

²⁰ Cf. A. COUTO, *Como uma Dádiva. Caminhos de antropologia Bíblica*, p. 207.

Há quanto tempo é que estes discípulos seguiam Jesus, acompanhando-o, ouvindo as suas palavras e vendo as suas obras? Tal como eles, há quantos anos é que nós fizemos profissão de seguir este Jesus? Que palavra pessoal podemos nós dizer, como eles e com eles, sobre Jesus? Sabemos que Pedro acertou com a resposta, mas neste momento a sua resposta é uma resposta convencional feita de um dizer tradicional e sem implicações de vida. Fosse qual fosse a ideia que Pedro tivesse do que era ser o «Cristo», nela não cabia a noção do sofrimento, da rejeição, da morte, da ressurreição. Muito menos cabia aqui a noção da sua adesão pessoal a este «Cristo»²¹. Sabemos qual foi a sua atitude quando o perigo chegou... Ele que dissera que ainda que todos se fossem embora estaria sempre ali, ao lado de Jesus, na primeira dificuldade negou-o, para se tentar proteger. Mais do que saber o que dizer como resposta a esta pergunta é saber dizer-se face a Jesus e à novidade da sua pessoa e mensagem. Dizer que Jesus é o Cristo, também os demónios faziam (Mc 1, 24-25) e no fundo os escribas e fariseus também o sabiam, mas isso não alterava nada à sua condição. Naquele momento Pedro respondeu apressadamente e, portanto, antes do tempo, com um punhado de palavras convencionais. Faltava-lhe fazer o longo e tortuoso caminho da Galileia até à Cruz, onde nascerá para a Glória a humanidade de Jesus. Ao mesmo tempo, nascerá também Pedro como sujeito novo de ação, apto para dizer Jesus e se dizer face a Jesus de forma nova e implicada²². Um longo processo, repleto de quedas e fragilidade, mas também da experiência do dom da misericórdia, do perdão e da graça.

De facto, só estamos aptos a dizer Jesus, quando nos dizemos face a Jesus. Esse é, talvez, o maior desafio da Vida Consagrada, o testemunho credível da sua ação evangelizadora. Pois dizer Jesus é testemunhar toda a novidade que lhe está associada, o que implica a divinização da sua humanidade no extremo da sua encarnação levada até à última consequência. Dizermos-nos face a Jesus implica a nossa adesão concreta a essa novidade, porque é aí que nascemos como sujeitos novos de dizer, seja qual for a estação da vida em que nos encontremos. Ainda que todos precisemos de tempo para nos dizermos, face ao impacto da última e decisiva novidade de Cristo que é a ressurreição, dizer Jesus só pode ser um acontecimento pessoal e livre, fruto da ação do Espírito em nós²³.

A partir da fidelidade a este dizer Jesus de forma pessoal, os Consagrados e as Consagradas percebem que a fidelidade ao ser humano exige que, num mundo cheio de conflitos e intolerâncias, sejam peritos em comunhão. Testemunhas e artesãos de um projeto de comunhão, fundado num amor maior que todas as forças de desunião. Exige ainda que, num mundo mergulhado na loucura do poder, os Consagrados prefiram a loucura da presença solidária, expressa na vida comunitária de cada Instituto, marcada pela proximidade dos jovens e dos adultos. Exige que num mundo de desigualdades e de injustiças, os Consagrados promovam a

²¹ *Ibidem*, p. 209.

²² *Ibidem*, p. 211.

²³ *Ibidem*, p. 212.

partilha no interior e exterior da própria Comunidade, tornando-se, assim, voz dos que não têm voz. Exige que, numa sociedade que recusa e desvaloriza o envelhecimento, limitando o valor da pessoa à sua rentabilidade e eficácia, os Consagrados afirmem, com a sua atuação, que o valor da pessoa está muito para além da sua eficiência e capacidade produtiva, mas em ser criado à imagem e semelhança de Deus, chamado à vida no seio da sua própria intimidade.

Por fim, num mundo cada vez mais marcado pela indiferença e pela descrença, os Consagrados hão de optar por viver fraternal e comunitariamente a sua fé, tornando visível no mundo e na Igreja o seguimento de Cristo, na dupla fidelidade à contemplação e à ação²⁴. A terminar, podemos perguntar-nos se, depois de tudo isto, a Vida Consagrada ainda serve para alguma coisa. Será que os Consagrados e as Consagradas ainda têm lugar neste mundo, ou tudo o que dissemos até aqui, serve apenas para alimentar os museus dos nossos Institutos e da nossa própria vida?

A resposta é simples, talvez nunca como hoje, a Vida Consagrada foi tão necessária no nosso mundo. Os Consagrados e as Consagradas, se forem coerentes com o seu projeto de vida e de missão, ajudam os homens e mulheres do nosso tempo a viver os seus sonhos mais profundos, a manter o seu relacionamento com Deus e com o próximo, a realizar as esperanças de justiça, respeito, paz e conservação de toda a criação, em suma, ajudam o mundo a sobreviver. Os Consagrados estão inseridos no mesmo caminho que trilham a Igreja e o mundo. O que espera o mundo e a Igreja dos Consagrados²⁵? Esperam: Fidelidade, Coerência, Paixão, Perseverança, Entrega...

²⁴ Ver ÁLVAREZ GÓMEZ, J., *Vida Consagrada para o terceiro milénio*, pp.138-140, onde o autor explana este tema de modo profundo e desafiante.

²⁵ *Ibidem*, p. 136.